

Radiojornalismo em Mutação na Era Digital¹

Nelia R. Del Bianco²
(Professora da Universidade de Brasília)

O sinal da emissão radiofônica desafia distâncias, barreiras geográficas e fronteiras geopolíticas. Instantâneo e presente em toda parte, o rádio foi a primeira manifestação tecnológica de uma realidade virtual que ajudou a forjar as formas de pensar do século XX. Mudou mentalidades provincianas de horizonte estreito, ligando vilas e cidades ao que ocorria no século XX. Foi de fundamental importância na disseminação de costumes, idéias e ideais políticos e valores democráticos.

Ao longo de sua história, firmou-se como um canal de informação. Através das ondas hertzianas, as notícias sobre revoluções, golpes de estado e guerras chegaram a todas as partes do mundo. A facilidade de mobilizar várias fontes e de veicular instantaneamente a notícia fizeram do rádio um pioneiro do tempo real na era eletrônica. Uma espécie de “sistema nervoso de informação”, como definiu McLuhan (2000: 335,344) na década de 60:

“Notícias, hora certa, informação sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras. (...) O rádio provoca uma aceleração da informação que também se estende a outros meios..”

O rádio possui a vantagem ao oferecer mais rapidamente informação gratuita. Aos olhos da audiência ainda é um meio informativo descentralizado, pluralista e multifocal em aberta contraposição ao centralismo da televisão em rede por satélite. Por sustentar essa imagem ao longo dos anos, mantém seu prestígio junto ao público.³

Na contemporaneidade, a Internet desafia a produção de notícias no rádio. Ao servir para a redação como um canal de acesso em tempo real a um número incalculável de fontes, agências de notícias, portais e jornais online, a Internet provoca a reorganização das

¹ Trabalho apresentado no NP 6 – Rádio e Mídia Sonora, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, mestre em Comunicação pela UnB e Doutora em Comunicação pela ECA-USP na área de concentração jornalismo. Ex-coordenadora do GT Rádio da Intercom no período de 1995-1999

³ Segundo dados divulgados pelo Ibope (2000), relativos a nove regiões metropolitanas, 56% dos brasileiros lêem revistas, 47% lêem jornais, 24% vão ao cinema e 22% acessam a Internet. Em comparação, 96% dos domicílios têm TV e 94% têm rádio.

rotinas produtivas do radiojornalismo, especialmente em emissoras especializadas em jornalismo com programação de fluxo contínuo informativo.

Em pesquisa realizada junto a duas das mais tradicionais emissoras brasileiras dedicadas ao jornalismo – Jovem Pan AM e Bandeirantes AM – constatou-se que a Internet é parte da realidade do modo de trabalhar da redação e está integrada às rotinas produtivas. Exerce influência em todas as fases do processo produtivo, desde a recolha da informação, seleção, redação, edição e veiculação da notícia. Ao integrar a rede informatizada local das emissoras, a Internet constitui o meio ambiente no qual os jornalistas se movem e exercem a tarefa cotidiana de escolher entre centenas de acontecimentos os que merecerão o *status* de notícia.⁴

Tecnologia como fator de mudança

A tecnologia é uma criação do homem. Produzida num determinado contexto social e cultural, carrega em si, segundo Lévy (1999:25), projetos, valores, esquemas imaginários e implicações variadas. Sendo portadora de cultura e valores, a tecnologia não determina uma práxis social, até porque não é entidade que age sobre o homem de forma autônoma. No entanto, quando inserida na processualidade da vida condiciona e potencializa mudanças.

“Sua presença e uso em lugar e épocas determinados cristalizam relações de força sempre diferentes entre os seres humanos. (...) Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo condicionada, não determinada”. (Lévy, 1999:13 e 25).

De fato, a tecnologia não tem caráter mágico ou sobrenatural, nem a sociedade é uma extensão da tecnologia. Há uma relação dialética entre tecnologia e civilização (Castells, 1999). O processo de mutação é, antes de tudo, histórico-social e pertence a um contexto. O sentido da tecnologia reside nas intenções dos usuários que as trocam e

⁴ A pesquisa foi realizada em entre abril e maio de 2003 como parte da tese de doutorado defendida na ECA-USP sob o título “Radiojornalismo em mutação”. Os dados foram recolhidos no ambiente da redação, registrando-se tudo o que acontecia na cadeia produtiva dos dois produtos, desde a organização da redação, coleta e seleção de informação, redação, edição e veiculação. Além de observar os jornalistas em ação, paralelamente, a pesquisadora ouvia a programação da emissora no rádio com o objetivo de checar o resultado dessa dinâmica produtiva no ar o que, em última instância, traduz os critérios de seleção adotados. A técnica de observação sistemática não-participante foi adotada, combinada com entrevistas em profundidade. A redação jornalística de cada emissora selecionada foi observada durante uma semana, de segunda a sexta-feira, por um período de oito horas diárias. Foram 40 horas de observação em cada uma, totalizando 80 horas. A observação foi concentrada no horário de 8 às 19h, período em que o ritmo do processo produtivo é mais intenso. Nessa faixa de horário são produzidos e apresentados os principais programas jornalísticos.

formulam. Uma inovação tecnológica programa, sem dúvida, certos usos, mas estes por sua vez desviam, modificam ou adaptam a ferramenta aos mundos próprios dos utilizadores (Bougnoux, 1999: 109 e 121)

Essa perspectiva sugere observar a revolução tecnológica contemporânea no contexto histórico-social de evolução do capitalismo, para o qual foi uma força motriz importante na construção de valores culturais e na dinâmica das relações sociais que dão forma ao novo paradigma tecnológico e comunicacional. É vista, portanto, nas suas articulações sistêmicas, como técnicas sociais de organização, funcionamento, mudança, controle e administração de novas formas de produção de bens simbólicos, como os produtos da comunicação, especialmente o jornalismo.

A revolução tecnológica de hoje muda a experiência de mundo, assim como aconteceu na Revolução Industrial, quando surgiram novas relações técnicas de produção, relações sociais e de poder baseadas na propriedade privada dos meios de produção e no tipo de superestruturas características do capitalismo. “A mudança é tão cultural e imaginativa quanto tecnológica e econômica”, segundo Johnson (2001: 35)

A essência das mutações na contemporaneidade tem relação com a natureza diferenciada das tecnologias da informação e da comunicação em comparação a outras do passado. Distinguem-se por ampliarem a capacidade intelectual do homem, pois permitem transformar a informação. O que mudou não foi o tipo de atividade em que a humanidade está envolvida desde a era industrial, mas sua capacidade tecnológica de utilizar, como força produtiva direta, aquilo que caracteriza a singularidade do homem: a capacidade superior de processar símbolos (Castells, 1999:78).

Neste contexto, a Internet adquiriu importância estratégica no modelo social forjado pela revolução tecnológica. Mais do que um protocolo informativo, a Internet transformou-se num espaço social e cultural que permite estabelecer a comunicação entre distintos tipos de rede. Constituí a base material da vida e das formas de relação com a produção, o trabalho, a educação, a política, a ciência, a informação e a comunicação. É o coração do novo paradigma sócio-técnico de acordo com Castells (2001: 15):

“Se a tecnologia da informação é o equivalente histórico do que foi a eletricidade na era industrial, em nossa era poderíamos comparar a Internet com a rede elétrica e o motor elétrico, dado sua capacidade para distribuir o poder da informação por todos os âmbitos da atividade humana.”

Como epicentro do sistema sócio-técnico emergente, a Internet é um ambiente e sistema de informação e comunicação (Palácios, 2000 e Lemos, 2002). Sendo uma criação do homem, uma entidade real e material da existência, essa tecnologia integra-se a conjuntos culturais existentes. Por tal condição, Castells (2001:51) acredita que a Internet carrega em si os valores e a cultura de seus criadores. Herdou características como o livre fluxo da informação, cooperação entre usuários, comunicação horizontal e sem hierarquias, interatividade e personalização.

Por natureza é multifacetada, podendo ser um ambiente onde convivem e combinam entre si várias formas. Pode funcionar num ambiente compartilhado simultaneamente como suporte, meio de comunicação que se presta à expressão, muitas vezes como sistema tecnológico ou ambiente de informação e de comunicação. A definição de função depende em muito do uso que dela se faz em determinado contexto, circunstâncias, objetivos, finalidade e aplicação social seja por interesse, atividade específica ou mesmo por fruição.⁵

As transformações tecnológicas no radiojornalismo

Desde o início da década de 90, o radiojornalismo passa por mudanças provocadas pela substituição dos meios técnicos analógicos para os de tecnologia digital. Um dos mais importantes foi o uso do celular pelos jornalistas para transmissão de notícias a partir do local do acontecimento. A cobertura diária dos acontecimentos ficou mais ágil e as entrevistas ao vivo foram facilitadas. Com o celular, o repórter pode realizar entrevistas ou fazer uma participação ao vivo de qualquer lugar, um tipo de mobilidade muito superior ao telefone sem fio utilizado nas unidades móveis de frequência modulada.⁶

Essa tecnologia contribuiu para alterar o conceito de velocidade e instantaneidade na divulgação da informação. Tornou o jornalismo de rádio diário “mais quente” em

⁵ Nesse sentido, a Internet é um espaço de comunicação humana que vai além da configuração clássica de meio. Comporta vários e distintos tipos de comunicação a depender do número de pessoas envolvidas, da duração do processo de comunicação, da distância entre os usuários e a retroalimentação. Somente para citar alguns: a comunicação intrapessoal privada, com mediação tecnológica (e-mail e listas); a pública com meio técnico e indivíduos reunidos (videoconferência); a organizacional (intranet); a sociedade global (aplicação com finalidade educativa, militar, política ou religiosa); e a pública através de meio técnico e indivíduos dispersos (páginas, grupos de notícias). Elvira GARCIA DE TORRES, Estructura comunicativa y organización de contenidos em Internet. <http://usuarios.lycos.es/avicpd/3.htm>

⁶ O primeiro contato dos jornalistas brasileiros de rádio, TV e jornal impresso com as facilidades do telefone celular foi em 1990, na Copa do Mundo da Itália. Na época, os aparelhos ainda eram muito grandes e se assemelhavam muito aos *walk-talkies*. Porém o uso intensivo do aparelho, só ocorreu três anos depois. O Rio de Janeiro foi a pioneira cidade brasileira a dispor de telefonia celular, que começou a operar em 1991. Em São Paulo, o serviço foi instalado em 1993. Valtércio ALENCAR, Jornalismo celular, *Revista Imprensa*, julho de 1994, p. 64-67.

relação aos demais. A cultura do “ao vivo”, presente na era analógica, foi reforçada. Trouxe o caráter de antecipação da informação em relação ao jornal e a TV. Por outro lado, fortaleceu o formato de radiojornalismo calcado nos gêneros notícia, reportagem e entrevista. Esse recurso técnico, aliado a outros, segundo Meditsch (1999:109), modificou os critérios de conteúdo, com a valorização crescente do jornalismo de “declarações”, substituindo o relato dos fatos como matéria predominante.

O processo de digitalização dos equipamentos de áudio também afetou a produção do radiojornalismo. O principal avanço foi a invenção do aparelho mini-disc (MD) o que mudou a performance do armazenamento e edição do registro sonoro. O MD flexibilizou o processo de edição ao permitir mover, excluir, editar e combinar diferentes trechos de gravação num mesmo suporte tangível. Para o jornalismo representou a aposentadoria dos inflexíveis aparelhos de reprodução de cartuchos de fita magnética (cartucheiras).

O segundo passo decisivo para a digitalização foram os *softwares* de operação de áudio para programação ao vivo que permitiram a automatização na reprodução de músicas, comerciais, chamadas e locução gravada.⁷ O terceiro passo importante foi a adoção dos *softwares* de edição de som para PC e das estações de áudio informatizadas que funcionavam como um sistema integrado de *hardware* e *software* de edição não-linear.

Nesse sentido, a informatização da redação colaborou para que os softwares de edição de som e de automação na operação de áudio pudessem influenciar novos modos de produção de notícias. Na primeira metade década de 90, os computadores eram utilizados na redação como processador de texto e terminal de recepção das agências de notícias. Mas tarde, numa segunda geração, os computadores da redação passaram a fazer parte de uma rede local, servindo de unidades de edição não-linear (Meditsch, 1999:110).

Em meados 1997, praticamente as redações das emissoras analisadas estavam totalmente informatizadas, trazendo vantagens e facilidades para o trabalho dos jornalistas. Para a redação de noticiários, o processamento de texto pelo computador ajudou a resolver o velho problema de datilografia de originais com auxílio do papel carbono para fazer

⁷ Na primeira metade da década de 90 estavam sendo fabricados no Brasil sistemas profissionais de automação e gerenciamento de programação como o Digiradio (Sistema de Áudio Digital Profissional), adotado por várias emissoras. Com o sistema foram aposentadas não somente as antigas cartucheiras usadas como em pouco tempo o avançado MD tornou-se obsoleto na operação de áudio ao vivo. (Moreira, 2002:133).

cópias. A difusão de notícias das agências por redes digitais levou a substituição do teletipo para o rádio.

A constituição de rede técnica informatizada local, integrando a redação e edição de noticiários à central técnica, representou um passo importante na reorganização da produção jornalística. A conexão interna garantia o livre tráfego de informação, tanto em forma de texto como em áudio. Graças a um *software* produzido especialmente para as emissoras analisadas, os jornalistas têm hoje acesso ao espelho de programas e às matérias levadas ao ar em todos os noticiários por meio do terminal de seu computador. Editores e redatores podem copiar notícias disponíveis, reescrevê-las agregando novas informações, ou mesmo editar, cortar, emendar sonoras de matérias de repórteres ou entrevistas ao vivo com ajuda do programa *Sound Forge*. Os repórteres na rua não têm acesso remoto a esse dispositivo, porque nenhuma das duas emissoras dispõe de laptops. De qualquer modo, a participação ao vivo deles é gravada pela central técnica que, por sua vez, a disponibiliza o arquivo em formato *wave* para toda a rede local.

Ao ter a rede local como ferramenta de trabalho, os jornalistas passaram a rotinizar a produção num ambiente hipertextual. Contam com princípios básicos de interação amigável: a utilização de ícones de fácil compreensão das estruturas de informação e dos comandos; o uso de *mouse* que permite ao usuário agir sobre o que ocorre na tela de forma intuitiva; os *menus* que mostram ao usuário as operações que ele pode realizar em uma tela gráfica de alta resolução.

Com a interface gráfica do computador, composta por janelas, pastas, símbolos, ícones e dados localizados de forma física e virtual, simultaneamente, é possível a “manipulação direta” da informação na tela. Em vez de teclar comandos obscuros, podem simplesmente apontar para alguma coisa e expandir seus conteúdos, ou arrastá-los através da tela, como também cortar e editar som. A manipulação direta proporcionada pela interface gráfica é paradoxal, segundo Steven Johnson (2001: 21-2): acrescentou uma outra camada entre o usuário e a informação. Significa que agora a informação está mais próxima, mais à mão, em vez de mais afastada.

A rede local trouxe para a redação um aspecto importante da interatividade ao dispor de instrumentos navegação para armazenar e recuperar a informação em tempo real. Para o rádio, significou uma ruptura radical com os sistemas analógicos de armazenagem

de som em suporte magnético, CDs ou MD considerados dispendiosos. A substituição pelo sistema de armazenamento no computador representou um enorme ganho de tempo no processamento áudio e maior flexibilidade no tráfego interno da informação.

A grande vantagem da rede local foi criar uma ambiência ou o meio ambiente onde os jornalistas se movem e agem sobre a informação, no sentido de ampliá-la, transformá-la no processo produtivo. Em boa parte, o potencial de transformação dessa rede está relacionado à conexão com a Internet.

Internet e as rotinas produtivas do radiojornalismo

Conectados à Internet pelos seus terminais de computadores, os jornalistas de rádio passaram a ter acesso gratuito às principais agências de notícias e aos jornais online nacionais e internacionais. À primeira vista essa facilidade ampliou o olhar sobre os acontecimentos diante da multiplicidade de assuntos disponíveis para seleção. Situação bem diferente das condições de produção da era analógica. O acesso às agências de notícias somente era possível mediante assinatura do serviço. Emissoras como Jovem Pan e Bandeirantes assinavam, no máximo, uma agência internacional e duas nacionais. Antes os jornalistas tinham acesso às fontes por meio de diferentes suportes físicos, como material impresso, carta, áudio, telefone, teletipo, fax. Outro modo era buscar pessoalmente a informação no local do acontecimento.

A vantagem proporcionada pela Internet, no entanto, deve ser vista com cautela. Na verdade, tem-se acesso ao conteúdo parcial de jornais online, portais e agências de notícias, portanto, nem sempre é o material jornalístico integral disponível apenas para os assinantes. Trata-se de um material de segunda ou terceira mão, submetido a critérios prévios de seleção, portanto, filtrado pelos valores inerentes àquela publicação. Mesmo quando os jornalistas vão diretamente ao site das agências internacionais ainda acessam parte do conteúdo, resumos de notícias e não as matérias integrais disponíveis para assinantes.

A Internet também contribuiu para moldar um novo comportamento dos jornalistas em relação à busca de notícias. Nas décadas de 60 e 70, época marcada pela profissionalização dos departamentos de jornalismo e pela valorização da reportagem no local do acontecimento, os jornalistas ficavam à procura de notícias. Paralelamente a essa

posição, o profissional na redação ficava à espera de despachos enviados pelo teletipo para alimentar o fluxo contínuo de redação de boletins e noticiários de hora em hora.

Na década de 80, as notícias “procuravam” os jornalistas. Com a profissionalização das assessorias de comunicação de empresas, órgãos públicos, sindicatos, entidades de classe e organismos não governamentais cresceu a oferta de material informativo pronto para ser utilizado à disposição da redação, sem contar com as sugestões de entrevistas ao vivo, coletivas de imprensa, entre outros.

Com a Internet, os jornalistas abandonaram a posição passiva de ficarem à espera de despachos e informes de agências de notícias e *releases* para assumirem a postura “ativa” na recolha de assuntos no ambiente online. Hoje fazem uma “busca orientada” por informação na rede guiada pelos valores e critérios definidos pela política editorial da emissora. O intuito é recolher notícias atuais e de interesse. O trabalho do jornalista não é apenas ler o material para se informar e constituir seu próprio relato dos acontecimentos. A leitura é confundida com a busca de notícia pronta. Obter o material de divulgação, acabou por se converter num fim em si mesmo.⁸

Sem dúvida, o acesso a fontes de informação livre de limitações temporais beneficiou a manutenção do fluxo contínuo informativo. Primeiro porque oferece uma noção orientativa sobre o que é atual, ajudando a redação a se posicionar no ciclo produtivo da notícia. Quem chega à tarde para trabalhar, por exemplo, consegue saber exatamente que notícias foram destaques pela manhã numa rápida consulta aos sites de jornais e agências de notícias online. Segundo porque é um modo de conseguir, receber e trocar informação de forma rápida e ágil. Terceiro porque a Internet é uma forma de acesso às fontes de notícia de alta produtividade e renovação constante. E quarto pela vantagem de ter a memória acumulada e armazenada dos acontecimentos, recuperável a qualquer tempo, tanto nas publicações digitais online como por meio de sistemas de busca em qualquer site.

A Internet impactou também a agenda de serviço ou serviço de checagem, apuração de acontecimentos programados, queixas de ouvintes e cobertura de rotina em órgãos de

⁸ Um dos mecanismos para guiar as escolhas é ter em mente os critérios estabelecidos pela política editorial. Nas emissoras analisadas, a seleção é focada em assuntos de economia, política, esporte, prestação de serviço, campanhas temáticas e notícias da cidade, especialmente fatos relacionados à região Sul e Oeste de São Paulo. A escolha é feita a partir de critérios eficientes e objetivos, visando fornecer ao público as notícias mais atualizadas dentro de um espaço de tempos pré-estabelecidos

utilidade pública. Ao armazenar uma quantidade crescente de informação, a rede torna possível um grau considerável de previsibilidade e antecipação de acontecimentos.

O desafio do jornalista hoje é navegar no emaranhado de informações proveniente de diferentes fontes acessíveis pela Internet para interpretar os acontecimentos e obter informações confiáveis e de qualidade num curto espaço de tempo. Nem tudo o que está disponível na Internet é necessariamente verdadeiro. Mas não se pode dizer que tudo que há ali é falso. A informação de qualidade, fiável e crível convive e coexiste com grande quantidade de informação pouco rigorosa. O bom senso indica a necessidade de verificação da informação como um procedimento padrão aplicável a qualquer tipo de apuração de acontecimentos. A crise de credibilidade da informação oriunda da Internet levou as emissoras pesquisadas a desenvolverem uma metodologia de checagem. Entre as estratégias adotadas estão:

- a. Contrastação de fontes – Comparar a cobertura do acontecimento em, no mínimo, três agências sejam nacionais ou internacionais.
- b. Checagem direto na fonte – Se as informações entre as agências nacionais forem muito divergentes, a recomendação é ligar para a fonte e checar os fatos. Em caso de agência internacional, a checagem é realizada mediante consulta ao site do órgão, instituição ou governo envolvido no assunto. A consulta pode se estender também às edições dos jornais online do país de origem da notícia.
- c. Dupla checagem - Em casos de crimes, assassinatos, acidentes, greves, problemas no transporte coletivo, temporais, enchentes e demais problemas de calamidade pública se faz checagem e re-checagem de dados colhidos na Internet. A primeira checagem é por telefone junto aos órgãos públicos. Se confirmada, a notícia vai ao ar. A segunda é enviar uma equipe de reportagem ao local para aprofundar a notícia.
- d. Análise da coerência discursiva – Verificar se o relato apresentado pela fonte recolhida da Internet é consistente, equilibrado, exato e coerente. Caso haja contradições, aspectos nebulosos ou mal explicados, o procedimento é não utilizar a informação.
- e. Investigar sobre a data em que a informação foi elaborada e disponibilizada na Internet.
- f. Atribuição de grau de confiabilidade - As agências originárias da mídia tradicional são consideradas pelos jornalistas de rádio como mais confiáveis. Entre elas a Uol News,

FolhaOnline, Agência Estado, GloboNews e JB. Com menor frequência, os jornalistas consultam o site do Correio Brasiliense e da Agência Brasil, especialmente quando o assunto é oficial. As agências internacionais mais consultados são CNN, BBC e Reuters.

- g. Em caso de dúvida quanto à veracidade da informação ou diante de eventuais dificuldades na checagem, a recomendação da direção de jornalismo é não recolher a informação.

As estratégias de checagem utilizadas são, muitas vezes, endógenas, restritas ao ambiente da Internet. Em geral, procura-se suprimir eventuais disparidades para aproveitar o que há de comum entre as matérias. O que reduz sensivelmente o esforço de checagem fora desse ambiente confortável.

Por outro lado, a abundância de informações proporcionada pela interface com a Internet exerce enorme pressão no sentido de tornarem mais elásticas as fronteiras dos *deadlines*. A informação disponível em sites de agências de notícias e jornais online é encarada pelo jornalista de rádio como portadora de atualidade e novidade. Por tal razão, tende a ser incorporada ao noticiário quando acessada próxima ao *deadline*, especialmente quando o assunto não é objeto de cobertura pela equipe própria. Diante disso, as decisões sobre o que entra ou não no noticiário são tomadas cada vez mais em tempo real, próximas ao *deadline* ou mesmo durante a exibição do programa.

É interessante observar que os estudos de *gatekeeper*, na sua maioria baseados em análises das rotinas produtivas de jornais impressos, mostram o editor na tarefa de selecionar a partir do ato de jogar fora, de excluir os informativos de agências de notícias ou *press releases* que não coadunam com os critérios adotados. A seleção no rádio informativo apresenta atualmente um enfoque diferente. Não se trata mais de jogar fora o material recebido, mas de realizar uma busca orientada por informação. A mudança parece sutil, mas tem um dado de comportamento que envolve uma escolha ativa da notícia no âmbito das publicações online. É uma situação diversa da encontrada por David White (*in* Traquina, 1993) quando observou o trabalho de Mr. Gates na década de 50. Ao editar seu jornal, Mr. Gates não sabia o que o concorrente estava preparando para a edição do dia seguinte. Isso fazia com que seus critérios de seleção tivessem um valor essencial a ponto de determinar o sucesso ou fracasso da publicação. Sem referenciais comparativos poderia

levar muitos “furos” ou mesmo ser responsável por divulgar uma notícia que o concorrente não tomou conhecimento. Embora o rádio sempre acompanhou a produção do concorrente por meio do radioescuta, ainda assim a situação contemporânea de produção integrada à Internet leva ao extremo uma seleção guiada pela comparação.

Sem dúvida, a Internet é um fator que contribui significativamente para eficiência do processo seletivo ao manter o nível de atualização do fluxo informativo, especialmente nos momentos em que a curva da produção própria está em baixa. Ao avaliar o conteúdo de boletins levados ao ar de meia em meia hora nas emissoras analisadas, verificou-se que nas edições da manhã predominam as notícias de agências; cerca de metade do conteúdo é composto por repetição de matérias divulgadas nos jornais falados da manhã, ampliação de algumas notícias do dia anterior e notícias de serviço. O fluxo muda a partir do meio dia, a medida em que os repórteres concluem a apuração dos acontecimentos pautados pela manhã. Ainda assim, as agências fornecem cerca de um terço das notícias dos boletins que vão ao ar na parte da tarde. Somente quando se aproxima do final de tarde é que se verifica o crescimento da quantidade de notícias apuradas pelos repórteres. Neste momento, o peso da agência cai a um quarto do total de notícias. Essa lógica, entretanto, somente aplica-se à divulgação de notícias prontas, tal qual foram veiculadas na Internet.

Na composição dos principais jornais das emissoras, os redatores-editores redigem notícias consolidadas a partir do conteúdo de várias agências. A consolidação é um mecanismo necessário diante da forma sintética como são apresentados os relatos de agências e dos jornais. Na Internet, privilegia-se a redação do texto para ser lido na tela do computador, predominantemente parcelizado e com a profundidade acessível em vários *links*, a depender do site consultado. No momento do fechamento de noticiários para o rádio, os redatores-editores nem sempre dispõem de tempo para percorrer todos os *links* oferecidos, ficando mais propensos a consumirem o relato resumido e mais atual, geralmente disponível nas sessões de últimas notícias dos jornais e agências digitais.

Sob a égide da Internet, o processo de produção da notícia no rádio pode ser comparado a um “liquidificador”, onde tudo é misturado e triturado. As informações de diferentes fontes podem ser mixadas e fundidas para darem forma ao noticiário. Às vezes é difícil separar e identificar num programa o que é notícia exclusivamente retirada da

Internet do conteúdo totalmente apurado pela central informativa ou pelos repórteres. Em quase tudo há uma informação colhida na rede Internet incorporada ao produto final.

A Internet é um suporte utilizado para acompanhar e supervisionar a reportagem pelo chefe de redação nas duas emissoras analisadas. No dia-a-dia, o chefe de redação pesquisa em jornais online e agências dos assuntos que estão sendo acompanhados pelos repórteres da rádio. Se em determinado momento agências e jornais online apresentam enfoque diferente daquele da emissora, ele cobra uma explicação dos repórteres. Muitas vezes prevalece o ponto de vista do profissional da casa, quando consegue sustentar que seu enfoque está correto. Caso fique provado que a apuração não foi completa, a informação oriunda de fontes disponíveis na Internet irá complementar o trabalho. Não deixa de ser uma pressão a mais para que o repórter faça um trabalho imune à “furos” dos concorrentes. A situação leva a questionar se observação e percepção do repórter no local do acontecimento já não são mais suficientes, sendo necessário recorrer à mediação da tecnologia para apreender o real. No limite pode criar uma dependência da tecnologia para confirmar o que se viu na rua.

É parte da rotina do redator-editor também checar as agências e jornais online na Internet enquanto o programa está no ar para garantir a atualidade. Na eventualidade de surgir algum assunto novo, é acionada rapidamente a equipe de redatores para providenciar uma nota ou o próprio apresentador pode ler a notícia da tela do computador.

Na Bandeirantes, por exemplo, os apresentadores estão conectados à Internet, como também à TV Bandeirantes – cabo e aberta. No intervalo comercial, eles acessam às agências de notícias, checam e-mail do programa para selecionar aqueles que serão lidos ao vivo. Eles têm flexibilidade para falar de assuntos que não fazem parte do espelho do programa. Do mesmo modo podem exercitar critérios de seleção, ou seja, destacar e ordenar a apresentação do material proposto pelo redator-editor. É certo que o trabalho editor é respeitado, na maioria das vezes, mas o apresentador dá seu toque pessoal no comentário, na abordagem crítica do assunto e na definição do que merece destaque. Neste aspecto, a Internet é uma ferramenta organizativa e diretiva.

Em suma, Internet é parte essencial das rotinas produtivas do radiojornalismo que permite pautar a reportagem; fornecer notícias prontas para a composição de noticiários em geral; guiar o trabalho de apuração de informação de serviço; dar subsídios e informação

complementar para compor comentário e edição de reportagens apuradas pela equipe; além de subsidiar a chefia na supervisão dos repórteres na rua.

A mutação do radiojornalismo

A Internet está integrada à rede local e permeia toda a cadeia produtiva do rádio, desde fase de recolha de informação, seleção, redação, edição e apresentação. Sem dúvida, trouxe rapidez e racionalidade ao fluxo de produção, colaborando para constituir uma estrutura organizativa que garante a efetividade e a padronização de rotinas de trabalho.

Em certa medida é um fator condicionante na definição e seleção do que será notícia. A frequência e a repetição com que um determinado acontecimento é abordado pelas agências e jornais online sinalizam para os jornalistas a exata medida de sua importância e a necessidade de selecioná-lo. Tal procedimento evidencia a construção de uma relação de dependência em relação a fontes de informação secundárias, que trazem em si um certo grau de distorção involuntária no relato dos acontecimentos. Mesmo ao tentar minimizar as distorções e disparidades de informação, os jornalistas recorrem à estratégia de comparação de relatos entre agências, consolidando uma prática da verificação endógena que, em última instância, implica em assumir os valores-notícia das fontes pesquisadas.

A tecnologia Internet pode debilitar o processo da checagem e ainda dar a falsa impressão de que não é preciso ir além das fronteiras do ciberespaço para saber o que acontece. É como se na rede “coubesse” o mundo e que tal forma não fosse necessário sair dela para obter a informação necessária à construção da notícia. Disso se pode pensar que a Internet é hoje uma tecnologia de informação que permite conhecer o real.

A função de seleção no jornalismo representa um recorte, um filtro. Esse recorte hoje se dá pela moldura constituída pelo ambiente de informação e comunicação da Internet. Funciona como moldura, uma vez que contribui para o corte e focalização, ou seja, permite capturar, no espaço digital, a cena, um fragmento do tempo dentro da pluralidade de acontecimentos disponibilizados.⁹

⁹ “... um corte porque separa um campo e aquilo que o envolve; uma focalização, porque interdita a hemorragia do sentido para além da moldura, intensifica as relações entre os objetos e os indivíduos que estão compreendidos dentro do campo e os reverbera para um centro. O produto do corte e da focalização institui o que se chamará de cena. A cena é o local nativo do acontecimento. (...) A moldura, isolando um fragmento da experiência, separa-o do seu contexto e permite sua conservação e seu transporte. Enquanto que a ação, no campo, perde sua identidade e metamorfoseia-se em efeitos

Como moldura, a Internet favorece a dramática uniformização dos enfoques das notícias e a homogeneização dos assuntos divulgados. Como as notas produzidas nas redações das agências vão para todos os veículos com as mesmas informações, o material redigido pelas equipes das emissoras tende a ser igual. Todos bebem da mesma fonte na hora de compor seu noticiário, reproduzindo as mesmas fontes e o mesmo discurso.

É interessante observar que a uniformização dos enfoques das notícias não gera questionamento na redação do radiojornalismo. Ao contrário, o esforço é no sentido de seguir a onda e nela “sufar” em companhia dos demais. Não deixa de ser uma situação que leva à passividade de quem usa Internet como fonte de notícia. Algo paradoxal considerando que a rede é uma ferramenta que cria a possibilidade para que, virtualmente, se possa fazer o trabalho de vigilância e examinar documentos oficiais, realizar investigações e trabalhar assuntos que, em boa parte, são esnobados pela imprensa tradicional. Nas rotinas produtivas do radiojornalismo, observou-se que o uso da Internet está aquém de seu potencial de alterar a profundidade do jornalismo, contribuindo para que a reportagem supere o jornalismo declaratório e possa reunir e sintetizar uma grande quantidade de provas documentais.

A questão é saber até que ponto toda essa mutação nas rotinas produtiva contribui para minar, paulatinamente, os fundamentos básicos do jornalismo, defendidos na cultura profissional como a imparcialidade e a busca da verdade, considerando que na base do processo de produção adquire cada vez mais importância um dispositivo técnico de acesso não somente a informação em estado bruto como também a dados de segunda ou terceira mão. A visão de mundo natural confronta-se com a intencionalidade. As notícias não aparecem de forma natural, mas se fazem como consequência da vontade humana, da história, das circunstâncias sociais das instituições e das convenções da profissão, e agora também sob influência das tecnologias da informação. Isso não implica em dizer que a realidade virtual, pelo seu enorme caudal informativo, acabaria por substituir a necessidade de conhecimento de uma realidade material e objetiva. A questão é outra. A realidade virtual da Internet acrescenta uma perspectiva nova na percepção do jornalista no seu trabalho de conhecimento do real que é de outra natureza. Contém a realidade em si, mas disposta de modo a ser percebida em tempo e espaços diferentes.

que a tornam irreconhecível, a informação conserva sua identidade ao longo de seus deslocamentos, eis aí uma propriedade fundamental do enquadramento”. (Mouillaud, 1997:61-62)

Bibliografia

BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. São Paulo: Edusc, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultural - A sociedade em rede, volume 1* São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *La Galáxia Internet – reflexiones sobre Internet, empresa y sociedad*. Barcelona: Areté, 2001.

FIDALGO, Antônio. Percepção e experiência na Internet. BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2002. <http://www.bocc.ubi.pt/index2.html> 2002.

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface – Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEMOS, André. *Cibercultura – tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. *A galáxia de Gutenberg – A formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

MEDITSCH, Eduardo. *A rádio na era da informação*. Coimbra: Minerva, 1999.

MOREIRA, Sonia V. *Rádio em transição – Tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sergio. *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 13, 1997.

ORTRIWANO, Gisela S. Critérios de seleção de notícias em rádio: um estudo de caso. *Cadernos de Jornalismo e Editoração ECA-USP*, nº 15, São Paulo, dezembro 1984, p. 33-44.

PALÁCIOS, Marcos. Fazendo jornalismo em redes híbridas, *Observatório da Imprensa* 11.12.2000.

WHITE, David M. O gatekeeper: uma análise de caso na secção de notícias. In TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993, p.142-151.